Capítulo

12

Análise dialógica do discurso em pesquisas na área da informática na educação

Elmara Pereira de Souza (SEC-BA), Claudia Pinto Pereira (UEFS), Rosângela Silveira Garcia (UFRGS)

elmarasouza@gmail.com, caupinto.sena@gmail.com, prof.rosegarcia@gmail.com

Objetivo do Capítulo

Este capítulo tem o objetivo de apresentar a análise dialógica do discurso como possibilidade de análise de dados nas pesquisas em informática na educação. Ao final da leitura deste capítulo, você deve ser capaz de:

- Conhecer a análise dialógica de discurso como proposta para análise de dados em pesquisas na área da informática na educação.
- Entender a análise de discurso na perspectiva de Mikhail Bakhtin e seus interlocutores.
- Compreender os conceitos de discurso, dialogismo, enunciado e sentido.
- Utilizar a análise dialógica do discurso como metodologia de análise de dados em pesquisas na área da informática na educação.

Era uma vez... *uma aluna de pós-graduação, chamada Maria, que estava desenvolvendo uma pesquisa na área da informática na educação. O desafio de Maria era compreender como um grupo de professores pode, através do processo coletivo, das discussões, do apoio do outro, criar condições de possibilidade de uso das tecnologias digitais no ambiente escolar. Maria passou um semestre indo, semanalmente, para a escola para participar de reuniões, ouvir professores e propor, junto com eles, atividades que pudessem favorecer o uso das tecnologias no processo pedagógico. Após esse período de intervenção, Maria tinha muitas horas de diálogos gravados nas reuniões e escritos no ambiente virtual de aprendizagem, anotações, depoimentos e entrevistas com professores. E agora? O que fazer com todo esse material? Como analisar e entender se os professores conseguiram ou não, através do processo coletivo, criar condições de possibilidade de uso das tecnologias digitais na educação? Maria pesquisou sobre metodologias de análise de dados e encontrou textos que falavam sobre a análise do discurso. Ela ficou um pouco desconfiada. Será que é possível através das vozes dos sujeitos, levando em consideração o contexto social em que eles vivem e as ideologias que os constituem, compreender se, no contexto dialógico, os professores conseguiram utilizar as tecnologias digitais na escola? Agora, o desafio de Maria é se debruçar nos enunciados dos sujeitos para compreender como o próprio grupo de professores pode criar condições de possibilidade de uso das tecnologias na educação. Assim, Maria poderá verificar se a análise do discurso será uma técnica de análise adequada para a sua pesquisa.*

1 Introduzindo a Análise Dialógica do Discurso - ADD

Querido leitor, você sabe que a análise dos dados é uma etapa muito importante em uma pesquisa científica? Pois é, após todo o processo da pesquisa, das inúmeras leituras, escolhas teóricas, coleta/produção dos dados, o pesquisador passa para a fase de analisar e interpretar os dados. Ah! Lembre-se que em pesquisas qualitativas essas fases não são lineares e a análise pode acontecer simultaneamente à produção dos dados.

Como fazer a análise dos dados? Que técnica escolher? Essa não é uma tarefa fácil, mas a análise deve dialogar com as escolhas teóricas e epistemológicas feitas na pesquisa. São várias as técnicas de análise de dados. Nesse capítulo, vamos falar um pouco sobre a Análise do Discurso (AD).

Você sabe o que é a AD? Segundo Orlandi (1986), definir o que é Análise do Discurso é cair no engano do próprio objeto. Porém, como pesquisadores precisamos compreender a AD para podermos utilizá-la com coerência e ética em pesquisas na área da Informática na Educação.

Existem várias linhas de Análise de Discurso com várias abordagens distintas. Por exemplo, a AD de linha francesa cuja principal referência é Michel Pêcheux, a AD no contexto russo, destacando-se o Círculo de Bakhtin. No Brasil, há uma diversidade de influências e várias abordagens. Porém, o que parece que todas elas concordam é que, ao tomar o discurso como objeto de análise, rejeitam a noção estruturalista de língua considerada apenas como um sistema de signos e um meio neutro de refletir ou descrever o mundo.

Para a Análise de Discurso, a língua não é um sistema abstrato, ela trabalha com a língua no mundo, com formas de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas (ORLANDI, 2009). A língua não é um objeto linguístico sem conexões, sem sentido, repetível, mas um objeto sócio histórico, para produzir sentidos.

Saussure, principal expoente do estruturalismo, compreende língua e fala como objetos distintos. Para ele, a Língua é um sistema de valores e produto social que está na mente de cada falante de uma comunidade e possui homogeneidade. Por isso é um objeto da linguística. A Fala, no entanto, é um ato individual e está sujeito a fatores externos e, portanto, não passíveis de análise (SAUSSURE, 2006).

Bakhtin (2000), por sua vez, rejeita a divisão saussureana da linguagem em "língua" e "fala" e contrapõe a Saussure por não concordar com a ideia de língua enquanto sistema estável, sincrônico, homogêneo e desvinculado de valores ideológicos. A língua é apresentada por Bakhtin não como objeto abstrato, mas como atividade social. Nessa perspectiva, a natureza da língua é essencialmente dialógica, constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através das enunciações.

Feita essa introdução, enfatizamos a nossa opção, neste capítulo, por uma análise de discurso na linha bakhtiniana (chamada também de análise dialógica do discurso - ADD) que toma o texto como ponto de partida para o estudo do homem e da sua linguagem. O dialogismo bakhtiniano se fundamenta na negação da possibilidade de

conhecer o sujeito fora do discurso que ele produz.

Segundo Sobral e Giacomelli (2016, p. 1078), a ADD entende que "a linguagem tem dois componentes: o componente formal, que é a língua, que traz os significados dicionarizados e o componente discursivo, que é o discurso, ligado à enunciação e ao sentido, sendo este último produzido e não dado". Portanto, na ADD é o discurso que é o objeto de análise.

Bem, avancemos na compreensão da ADD. Vamos saber um pouco mais sobre o que é esse tão falado "discurso? Continuemos a nossa caminhada.

Algumas diferenças entre Análise do Discurso (AD) e Análise de Conteúdo (AC)

Análise de Discurso	Análise de Conteúdo
A AD trabalha com o sentido do texto e não com o conteúdo.	A AC trabalha com o conteúdo, ou seja, com a materialidade linguística através das condições empíricas do texto, estabelecendo categorias para sua interpretação.
A AD busca os efeitos de sentido relacionados ao discurso.	A AC fixa-se apenas no conteúdo do texto, sem fazer relações além deste.
A AD preocupa-se em compreender os sentidos que o sujeito manifesta através do seu discurso.	A AC espera compreender o pensamento do sujeito através do conteúdo expresso no texto, numa concepção transparente de linguagem.
Na AD, a linguagem não é transparente, mas opaca, por isso, o analista de discurso se põe diante da opacidade da linguagem.	Na AC, a linguagem é "transparente".
O analista ao utilizar a AD fará uma leitura do texto enfocando a posição discursiva do sujeito, legitimada socialmente pela união do social, da história e da ideologia, produzindo sentidos.	Na utilização da AC "o que é visada no texto é justamente uma série de significações que o codificador detecta por meio dos indicadores que lhe estão ligados".

Fonte: Adaptado de Caregnato e Mutti (2006)

2 Discutindo alguns conceitos

Com base na teoria bakhtiniana e na ADD, elegemos alguns conceitos-chave que serão discutidos a partir daqui e que consideramos fundamentais para a compreensão da análise das falas dos sujeitos no contexto vivido na pesquisa. São eles: discurso, dialogismo, enunciado/enunciação e sentido.

2.1 Discurso

Para entendermos o discurso, vale a pena retomarmos e pensarmos um pouco sobre a proposta de Bakhtin (2000) da não divisão entre a "língua" e a "fala". Para ele, o discurso não é a língua e nem a fala, mas vai além delas.

O discurso é uma unidade de análise que tem o texto falado ou escrito como sua materialidade. Ele usa a língua, falada ou escrita, e constrói textos. Assim, o discurso só pode ser entendido se soubermos, além do texto, quem usa a língua para se dirigir a quem, em que contexto, incluindo momento, local, interlocutores e suas relações sociais, ambiente (institucional, familiar, entre outros.) (SOBRAL e GIACOMELLI, 2016).

Como o discurso se encontra na exterioridade, no seio da vida social, o analista/estudioso/pesquisador necessita romper as estruturas linguísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala, fora delas [...] (FERNANDES, 2008, p. 16-17).

Na exterioridade do linguístico, no social, há posições que se contrapõem e que coexistem, implicando em discursos concomitantes, que tantas vezes representam diferenças ideológicas dos sujeitos e de grupos sociais. Dessa maneira, pode-se afirmar que o sujeito se inscreve em um espaço socioideológico e, é deste espaço, que "brota(m)", que "nasce(m)" seu(s) discurso(s). O social, o ideológico e os discursos estão, portanto, inseridos em processos histórico-sociais (FERNANDES, 2008).

Para Bakhtin (1988), o discurso é constituído por um conjunto de enunciados, pertencentes a um mesmo domínio ideológico, e estes enunciados possuem sentidos dependentes do lugar histórico-social de onde se anuncia. O discurso se revela, portanto, como interação entre os sujeitos.

Percebemos, dessa forma, que falar de discurso implica em falar em diálogo, enunciados e sentidos, e que estes conceitos estão interligados. Vamos continuar nossa caminhada, compreendendo os outros conceitos, tão importantes quanto o discurso, para a aproximação com essa metodologia de análise.

2.2 Dialogismo

Agora que você já sabe um pouco sobre o que é o discurso, e para compreender melhor a análise dialógica do discurso - ADD, passaremos a falar sobre o dialogismo bakhtiniano ou a teoria dialógica do Círculo de Bakhtin (Bakhtin foi um dos membros de um grupo de estudiosos da linguagem, da literatura e da filosofia da linguagem).

Para Bakhtin (2000), o próprio ser do homem significa comunicar. Ele e seus interlocutores desenvolveram um conjunto de ideias intitulado "dialogismo". O diálogo não é apenas a inter-relação verbal, mas, para o autor, a vida é por natureza dialógica. Viver significa participar de um grande diálogo: perguntar, prestar atenção, responder, concordar e assim por diante. Esse diálogo acontece durante toda a vida. Nessa perspectiva, na ADD, a análise dos enunciados deve ser desenvolvida levando em consideração o contexto sócio histórico do sujeito, pois o que ele fala não está dissociado da sua vida.

A interação verbal é posta no centro das relações sociais. Segundo Bakhtin (1988, p.182): "toda parte verbal de nosso comportamento não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isoladamente".

O dialogismo se opõe ao monologismo e se refere aos diferentes diálogos que existem entre os diferentes discursos de uma comunidade, cultura, sociedade que podem apontar para as tensões no encontro de enunciados e para as negociações de sentido que aí se instauram.

A visão de mundo bakhtiniana se estrutura segundo uma concepção social do homem, por isso, para o autor, é impossível uma formação humana sem alteridade, em que o outro não faça parte do meu espaço no mundo, constituindo-me ideologicamente e me dando acabamento.

Bakhtin (2000) compartilha do princípio de que o homem transforma o mundo com a utilização de instrumentos e é transformado por ele, como uma via de mão dupla. O autor atribui à linguagem o papel de "instrumento essencial" para esta atuação transformadora e de ferramenta psicológica de organização e constituição dos sujeitos. Salienta, também, a organização do discurso como fator determinante nas relações entre os indivíduos engajados em qualquer tipo de interação.

Em geral, o diálogo é definido como troca ou discussão de ideias, harmonia, não é mesmo? Porém, segundo a perspectiva bakhtiniana, a dimensão do diálogo é vista como território de conflito, tensão. Desta forma, o diálogo se constitui como um grande encontro de vozes e entonações diferentes.

> A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 1988, p. 123).

São essas vozes, esses enunciados que são o objeto da análise dialógica do discurso. Passemos a entender um pouco mais sobre os enunciados e as enunciações.

2.3 Enunciado/enunciação

De acordo com o que você leu até aqui, você consegue identificar que a unidade de análise da ADD é o enunciado (não a palavra ou a frase)?

Na ADD, a palavra ou a oração não têm vida própria se permanecem distantes da interação verbal. Por isso, somente em uma situação concreta de comunicação verbal é que a palavra e/ou oração funcionarão como enunciados e, como tal, se tornarão expressões individualizadas de uma locução.

O conceito de enunciado é muito importante para o pesquisador que utiliza a ADD como metodologia de análise de dados, pois, na perspectiva da ADD, a palavra viva só se apresenta no enunciado, na interação de locutores e ouvintes, não pertencendo com exclusividade nem a um nem a outro. As pessoas não fazem intercâmbio de palavras, nem de orações (sentido linguístico), elas falam por meio de enunciados que se formam com a ajuda das palavras ou das orações, enquanto unidades da língua.

Segundo Ramal (2002), embora possa haver um momento em que, fisicamente, a palavra esteja submetida a um locutor, uma vez proferida ou materializada, ela passa a se constituir no território conflituoso da negociação de sentidos entre os interlocutores e o meio social.

Todo enunciado concreto possui a parte dita (que é expressa através das palavras) e a parte não dita (os julgamentos de valor, emoções individuais), mas que são atos sociais regulares e essenciais. O enunciado não é neutro, pois sempre está ligado aos interesses de quem diz, ao lugar de fala do locutor e a quem está sendo dirigido a enunciação. Sobral e Giacomelli (2016) nos lembra que o locutor não avalia/valora o que está sendo dito de modo autônomo, em um ato de vontade independente, porque ele não vive sem os outros e ele se dirige aos outros.

> [...] não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis. [...] A palavra está sempre carregada de um discurso ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 1988, p.95).

A palavra é como uma ponte que se apoia em uma extremidade sobre o emissor e na outra se apoia sobre o seu interlocutor.

Para a ADD, os signos são ideológicos e os enunciados são produzidos a partir de uma posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Portanto, a enunciação é influenciada pelo meio ideológico e, também, pelo próprio universo do ouvinte. O autor produz um enunciado original, mas este não lhe pertence, pois o(s) sentido(s) produzido(s) vai/vão depender do interlocutor. A palavra, a oração ou o discurso observado na sua significação pura, sem considerar o seu vínculo histórico e ideológico, sem considerar a interação verbal, é como se deixasse de existir, uma vez que não são ideologicamente significantes.

> IDEOLOGIA tem o sentido de conjunto de ideias próprias de um grupo, de uma época, e que traduzem uma situação histórica. Bakhtin (1988, p.14) diz que: “a ideologia é um reflexo das estruturas sociais. Assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua”.

O pesquisador, que utiliza a ADD como técnica de análise de dados, deve considerar que o sentido das palavras que compõem o enunciado não pode ser assimilado apenas na sua perspectiva usual, ou seja, é imprescindível compreender o contexto, as emoções, os sentidos produzidos a partir do enunciado. O sentido não está na palavra, nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ele é o efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro (BAKHTIN, 1988).

Segundo Sobral e Giacomelli (2016, p. 1079) para a ADD, as palavras que usamos não são aquelas que vêm do dicionário, mas sim palavras que aprendemos a usar ao interagir com outras pessoas, de nossos pais a tantas outras pessoas que encontramos na

vida. Aprendemos a usar a língua não nas gramáticas ou dicionários, e sim no intercâmbio verbal, no uso da linguagem, ao interagir com outras pessoas via linguagem. Por isso, o enunciado está encharcado de tonalidades valorativas do outro com o qual interagimos de forma dialógica.

O enunciado não é dirigido a interlocutores abstratos, ele se realiza quando dirigido a um interlocutor concreto com um horizonte social definido. Assim, o enunciado é irreprodutível, é único e o criamos a partir de outros enunciados concretos, ditos por outras pessoas em outro momento e lugar.

Seguindo essa linha, na ADD o enunciado deve ser analisado em suas relações (internas e externas): sua organização, a interação verbal, o contexto, as condições de produção.

Para o pesquisador que deseja compreender o enunciado do outro, Bakhtin (1988, p. 131) diz:

Compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão [...] A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para outra no diálogo. Compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra.

Com base no que foi dito, se você estiver fazendo uma pesquisa sobre o uso das tecnologias digitais na escola, por exemplo, e ouvir a professora dizer para um aluno "Guarde o seu celular agora", como faria a análise desse enunciado? Será que analisando apenas o significado dessa frase você conseguiria entender o que a professora estava querendo dizer? Provavelmente, não. Para entender o enunciado, na perspectiva da ADD, seria necessário observar, por exemplo, a entonação que a professora usou. Ela falou com rispidez? Ela falou tranquilamente? Ela havia proposto o uso do celular na sala de aula e naquele momento a atividade já havia terminado e, por isso, solicitou que o aluno guardasse o aparelho? Ela não permite que o celular seja utilizado na sala de aula e ficou irritada porque o aluno estava com o aparelho no momento da aula? Qual a relação da professora e do aluno com essa tecnologia? Qual a resposta do aluno (dita ou não-dita) com relação à indagação da professora? Qual a relação entre esses enunciados?

Portanto, na ADD é importante compreender o contexto, a relação entre os enunciados (ditos e não-ditos), ou seja, saber onde, quando, quem, como e a quem algo foi dito para entender o que foi dito. Segundo Sobral e Giacomelli (2016), o enunciado é composto de três componentes: (1) o componente referencial, o enunciado fala de alguma coisa do mundo; (2) o componente expressivo, a avaliação/valoração do locutor sobre esse referente; (3) o componente de endereçabilidade, a quem esse enunciado está se dirigindo (Figura 1.1). Esses componentes estão inter-relacionados.

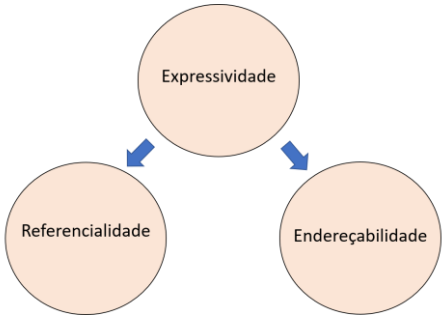

Figura 1.1: Componente do enunciado segundo a ADD

Fonte: Sobral e Giacomelli (2016, p. 1081)

Diante do que você leu até aqui, o que entende por sentido? Podemos dizer que o enunciado tem um único sentido? Ou o sentido depende da interação entre os interlocutores e do contexto no qual se encontram? Vamos prosseguir com as nossas descobertas sobre a análise dialógica do discurso.

2.4 Sentido

Você, leitor, quando está falando com um amigo íntimo ou com o chefe usa as mesmas expressões, as mesmas palavras, a mesma entonação? Será que quando está fazendo uma palestra usa as mesmas expressões de quando está em casa conversando com seu filho? Você usa as mesmas palavras em todos os contextos? Provavelmente não. Mas, mesmo que utilize as mesmas palavras, o contexto sempre é diferente e o sentido também será distinto. As pessoas, em geral, usam maneiras diferentes, expressões variadas para cada situação a depender do que pretendem dizer, para quem aquela fala está sendo dirigida e todo o contexto que envolve aquela situação.

Na ADD, uma elocução pressupõe uma resposta a um "outro" e o sentido é construído entre os parceiros. Por isso, os enunciados não são nunca idênticos. Mesmo utilizando as mesmas palavras, os parceiros e os contextos podem variar e, por consequência, também os sentidos do contexto.

Conforme dito anteriormente, o termo enunciado é utilizado para referir-se às relações linguístico-contextuais, enquanto o termo oração é usado para referir-se às relações meramente linguísticas (BAKHTIN, 2000).

Para a ADD, as palavras e expressões têm significados no sistema da língua. Porém, o discurso produz sentidos, ou seja, ultrapassa o significado dicionarizado das palavras e expressões. O sentido é produzido a partir do contexto vivenciado e envolve um determinado lugar, momento, situação, interlocutor.

Dentro dessa abordagem, Bakhtin (2000, p. 386) enfatiza que sentido é o que é resposta a uma pergunta. O que não responde a nenhuma pergunta carece de sentido. O sentido é potencialmente infinito, mas só se atualiza no contato com outro sentido (o sentido do outro). O sentido não se atualiza sozinho, procede de dois sentidos que se encontram e entram em contato. Não há um "sentido em si", pois o sentido se situa sempre entre os sentidos, elo de uma cadeia do sentido que é a única suscetível, em seu todo, de

ser uma realidade.

Já o significado refere-se ao conteúdo dicionarizado da palavra. O enunciado se caracteriza tanto por seu significado (conteúdo dicionarizado) quanto por seu sentido (individual). Quanto ao seu conteúdo, o enunciado compreende um significado dicionarizado das palavras utilizadas e, quanto ao seu sentido, caracteriza-se por uma compreensão que vai muito além da compreensão do significado das palavras, levando em consideração o contexto ideológico. Assim, o ouvinte pode concordar, discordar, completar etc. (SOUZA, 2005).

Bakhtin (2000, p. 368) diz que "um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio; estabelece-se entre eles como um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco (...)".

Os enunciados são carregados de emotividade, de valores. Na expressão oral, a entonação exerce um papel fundamental na constituição dos sentidos que envolvem a fala. Por isso, caro leitor, é importante o pesquisador registrar o clima afetivo que envolve o grupo, os textos que estão por trás dos textos, o não-dito, o silêncio, as entonações, os gestos, os olhares. Tudo isso faz parte do sentido do diálogo.

Compreendemos que o "não-dito" se refere às expressões não ditas oralmente ou por escrito, mas expressas pelos gestos, pelo olhar, dando sentido ao diálogo, ou então, o sentido que atravessa o enunciado, sem que se possa localizar onde está. Para o pesquisador é fundamental perceber esse não-dito e considerá-lo na análise de discurso.

Na pesquisa, dar a voz, ouvir a voz do outro não é simples. É preciso estar preparado para ouvir diferentes pontos de vista. O sentido se dá na própria possibilidade de conversar, de construir conhecimento, de partilhar.

A voz de um só tem sentido no contato com o outro, e é atravessada pelo discurso, pela palavra do outro, entendida como qualquer palavra de qualquer outra pessoa, pronunciada ou escrita, ou seja, qualquer outra palavra que não seja a sua.

O papel do "outro" é essencial na constituição do sentido. O ser "eu" não é soberano, pois ser significa ser para o outro e, por meio do outro. Tudo o que diz respeito a mim chega a minha consciência através do olhar e da palavra do outro, ou seja, o despertar da minha consciência se realiza na interação com a consciência alheia. Para Bakhtin (2000), há uma limitação intransponível no meu olhar que só o outro pode preencher. Assim como eu preciso da visão do outro para me completar, também a minha palavra precisa do outro para ter sentido (interação verbal).

Tudo o que se diz, tudo o que se pensa é sempre dirigido a alguém, mesmo que este alguém não esteja diante de nós. Há sempre um outro, não necessariamente presente, para quem os enunciados se dirigem. Nenhuma palavra é nossa, mas traz em si a perspectiva de outra voz.

E aí? Com base no que leu até aqui, você conseguiu compreender o que é discurso, enunciado e sentido? Entendeu como a ADD pode ajudar na análise dos sentidos

produzidos através dos enunciados? Neste capítulo, o nosso objetivo foi abordar a ADD a partir da noção de sentido no encontro com o outro, através dos enunciados. Passaremos, a partir daqui, a demonstrar cenários ilustrativos que favorecerão ainda mais a compreensão da ADD.

3 Exemplos Ilustrativos

Apresentaremos dois exemplos ilustrativos de pesquisas na área da informática na educação, nos quais foram aplicados os conceitos trazidos neste capítulo.

Exemplo 1:, Lembra do caso de Maria que trouxemos no início desse capítulo? Pois é, Maria queria compreender como um grupo de professores pode, através do processo coletivo, das discussões, do apoio do outro, criar condições de possibilidade de uso das tecnologias digitais no ambiente escolar. Depois de algum tempo de intervenção na escola, Maria tinha muitas gravações de reuniões, diálogos no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), anotações e entrevistas, ou seja, ela tinha muitos "enunciados" para analisar. Depois de transcrever todo esse material, Maria partiu para analisar as falas dos professores, os enunciados criados a partir do contexto vivido durante as reuniões, as interações no AVA e as atividades propostas com o uso das tecnologias digitais.

Para que as falas dos professores fossem analisadas, foi utilizada uma metodologia para definir parâmetros de início e final de cada enunciado. Maria optou por dividi-los em (1) se for um diálogo entre locutores, os enunciados serão separados por turnos, ou seja, cada fala de um interlocutor será considerada um enunciado; (2) se for na fala de um mesmo locutor, será dividido quando remeter a discursos/textos diferentes. Por exemplo, quando o professor fala: *Eu queria utilizar o laboratório para os meus alunos fazerem pesquisas, mas não tem Internet aqui*. Neste caso temos dois enunciados. O primeiro, *Eu queria utilizar o laboratório para os meus alunos fazerem pesquisas*, remete a um discurso com caráter de positividade, e o segundo, *mas não tem Internet aqui*, diz respeito a um limite encontrado na escola, portanto, outro discurso, outro contexto, outro enunciado.

Os enunciados foram analisados a partir de três sequências: (i) o enunciado que se refere aos limites (sentidos como restritores), com um caráter mais negativo, podendo levar ao bloqueio (R); (ii) o enunciado que tem uma oscilação entre restrição e positividade, que leva a brechas, a rupturas no contexto de sentidos (RN); (iii) o enunciado que tem uma tendência forte à positividade, com mudança de contextos de sentido (P).

As sequências são formadas por enunciados sucessivos. Cada sequência (R), (RN) ou (P) pode ser analisada a partir de limites sentidos pelos professores como restritores referentes à: (a) dificuldade pessoal do professor; (b) infraestrutura da escola e/ou políticas públicas; (c) formação; (d) indisciplina dos alunos; (e) tecnologia propriamente dita.

Como exemplo destas sequências, podemos observar nas falas a seguir:

(R) *Precisei interromper a minha participação, pois no mesmo período estava*

cursando a Licenciatura em Matemática na modalidade a distância e precisava viajar e foi o período do estágio do curso o que me deixou muito atarefada.

(RN) *Algumas vezes, por força de outros problemas, sentia-me desestimulada para continuar. Na maior parte das vezes a causa era o cansaço, que se intensificou com o passar do tempo. Porém, sempre havia algo a me empurrar para frente, no sentido de não desistir.*

(P) *Foi um período muito significativo para mim, pois tive a oportunidade de conhecer novos colegas, despertar ainda mais o interesse pela utilização do computador como recurso didático e aceitar melhor a utilização do computador na educação.*

Na primeira fala (R), quando o professor diz *Precisei interromper a minha participaçã*o, refere-se ao restritor de forma radical, levando à desistência da participação do grupo.

Na segunda fala (RN), há uma parte de reforço negativo, quando diz *sentia-me desestimulada para continuar* e, logo em seguida, observa-se um corte, uma brecha para que a professora continuasse no grupo: *sempre havia algo a me empurrar para frente.*

Já na terceira fala (P), quando o professor diz *Foi um período muito significativo para mim*, [referindo-se ao período em que participou do grupo] *pois tive a oportunidade de conhecer novos colegas, despertar ainda mais o interesse pela utilização do computador como recurso didático e aceitar melhor a utilização do computador na educação*, remete a um discurso de caráter mais positivo.

Nessas sequências não há linearidade, elas podem existir concomitantemente, podendo preponderar uma ou outra em determinados momentos.

Na pesquisa de Maria, o primeiro limite encontrado se referiu a própria formação do grupo, conforme a sequência a seguir:

Sequência 1: *Eu gostaria de participar do grupo, / mas estou com muito trabalho este ano. / Tenho aversão à tecnologia. / Fiz o curso no NTE / mas não me sinto a vontade para levar os alunos ao laboratório. / Sinto muito não poder participar do grupo.*

Extrato retirado da reunião presencial

Nessa sequência, observamos seis enunciados que mostram alguns limites, tanto de ordem pessoal quanto do uso das tecnologias na escola. O primeiro enunciado remete a uma perspectiva de positividade (P); o segundo (RN) se refere tanto a limite pessoal (a), por estar atarefada, quanto a limites impostos pelas políticas públicas (b), já que os professores, geralmente, precisam trabalhar mais para ganhar melhor e, consequentemente, têm pouquíssimo tempo para se qualificarem. Quando encontramos no enunciado a palavra “mas”, que traz a ideia de oposição, esta evidencia as rupturas de sentido no próprio discurso, portanto pertence à sequência (RN). O terceiro enunciado apresenta um limite pessoal (a) referente ao uso da tecnologia. No quarto, há uma retomada da positividade (P). Os dois últimos enunciados (R) remetem outra vez aos limites pessoais (a), reforçando-se mutuamente no sentido negativo, portanto levando ao bloqueio, à desistência.

No momento em que os professores aceitaram participar das reuniões, instituiu-se a oportunidade dialógica de encontro de sentidos – comum, por um lado, já que era o mesmo espaço/tempo, mesmas dificuldades; mas heterogêneo por outro, uma vez que cada professor traz lugares/posições diferenciadas, não apenas enquanto sujeitos, mas enquanto representantes de áreas de conhecimentos diferentes, com diferentes *ethos*.

Nesse estudo, Maria tentou reconhecer os efeitos da intervenção na escola com o objetivo de conhecer algumas formas de utilização das tecnologias digitais na educação, a partir da interação dialógica, do apoio do outro, da produção de novos sentidos, do encontro com outros sentidos.

A análise das sequências de enunciados apontou que, no início do processo da pesquisa, os limites eram vistos, de uma forma mais intensa, como restritores (R), e isso provocou bloqueio em alguns participantes e desistência de outros. Na medida em que as interações foram acontecendo, foi notada certa preponderância dos enunciados (RN) que oscilavam entre a restrição e a positividade, abrindo, portanto, brechas para novos sentidos do contexto. No final da pesquisa, foi percebida uma predominância dos enunciados (P) com forte tendência à positividade, com mudança de contexto.

Na pesquisa de Maria, a análise dos dados mostrou que os professores, quando apoiados por um coletivo no contexto dialógico, podem reverter um quadro de apatia, de insegurança, de medo de uso das tecnologias, para um quadro de tentativa de mudanças, de transformação. E o que até então era limite percebido como restritor, passa a operar como eixo dialógico favorável à produção de outros sentidos que acabam por mudar o contexto. Maria compreendeu como o próprio grupo de professores pode criar condições de possibilidade de uso das tecnologias na educação.

(Essa pesquisa está publicada no livro Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação. Editora Panorama Crítico, Porto Alegre, 2016. SOUZA, E. P. de. 2016, Construção de sentido e autoria na formação de professores para a utilização das tecnologias digitais na educação p. 314 a 334.)

Exemplo 2: A busca de Maria por metodologias que lhe permitissem dialogar com os pressupostos bakhtinianos, na busca dos sentidos produzidos nos enunciados dos professores, a levou a um caminho inusitado.

Foi revendo os diálogos mantidos pelos professores no AVA (ambiente virtual de aprendizagem) que Maria descobriu um *link* que direcionava a um grupo de discussão no site de rede social *Facebook*, usado pelos educadores para discussões sobre o uso pedagógico de recursos digitais. Foi neste espaço de conversação que Maria se defrontou com novas possibilidades para a análise de enunciados produzidos pelos professores.

No caso dos educadores, seus interlocutores de pesquisa, o site *Facebook* estava sendo constituído como espaço de conversação, sem limitações de espaço e tempo, em intercâmbio de informações e conexões com o outro e com o mundo. Neste novo contexto de enunciação, Maria agora se deparava com enunciados escritos – mesmo que de caráter oral.

O primeiro movimento de Maria foi a coleta dos enunciados no grupo de discussão, no *Facebook*, onde os educadores debatiam a temática educação e tecnologia.

A coleta foi realizada por meio do *Netlytic*, ferramenta desenvolvida para explorar e visualizar dados publicamente disponíveis de várias plataformas de redes sociais, que sumariza e descobre conexões em conversações *online*.

Coletado os dados, a pesquisadora buscou estabelecer diálogo com pesquisas já realizadas, que se aproximassem de seu objetivo de investigação: o estudo dos sentidos emergentes dos enunciados produzidos pelos educadores em grupo de discussão no *Facebook*.

Maria encontrou um potencial caminho metodológico para sua investigação, sistematizado segundo a Figura 1.2:

Figura 1.2: Proposta de caminho metodológico

Fonte: Dos Autores (2018)

Maria adotou os pressupostos bakhtinianos como suporte de análise dos sentidos emergentes dos enunciados produzidos pelos educadores - extraídos por meio de mapeamento do campo semântico com base na frequência da presença e coocorrência e buscou na ARS (Análise de Redes Sociais) – conjunto teórico e epistemológico focado, essencialmente, na compreensão das relações entre os sujeitos sociais e sua função na constituição da sociedade, instrumento para mapeamento e compreensão da rede enunciativa formada pelos enunciados coletados.

Foi com foco nas relações dialógicas que Maria iniciou o mapeamento da rede enunciativa emergente dos dados coletados. A pesquisadora organizou o mapeamento da rede observando as correlações entre os enunciados postados no grupo dos educadores com as ações de curtir e comentar a eles conectados.

Como forma de constituir a rede representativa destas relações, Maria adotou o software *Pajek* - *software* de código aberto - que possibilita visualização e análise de

grandes redes por meio de grafos.

Com a metodologia utilizada, em essência interdisciplinar, Maria pode perceber a possibilidade de dialogar com teorias, aparentemente tão distantes; e a contemporaneidade dos pressupostos bakhtinianos para estudos das linguagens oriundas do contexto digital.

Quer se aprofundar no percurso metodológico de Maria na composição dos dados? Clique nas imagens abaixo e você vai poder descobrir um pouco mais do fascinante método de análise das práticas comunicativas com uso de pressupostos bakhtinianos em interlocução com a ARS (Figura 1.3).

Figura 1.3: Percurso Metodológico adotado por Maria (Coleta de Dados, Mapeamento do Campo Semântico e Rede enunciativa – ARS)

Fonte: Dos Autores (2018)

4 Resumo

Nesse capítulo, foram apresentados os principais conceitos da Análise de Discurso (AD), em especial da análise de discurso da linha bakhtiniana (chamada também de análise dialógica do discurso - ADD), sendo eles: discurso, dialogismo, enunciado/enunciação e sentido. Nesse contexto, para utilizarmos a análise dialógica do discurso no âmbito da Informática na Educação, acreditamos que, além dos conceitos básicos, é importante entender de que forma esse método de análise e interpretação de dados, de fato, pode ser utilizado em um cenário real. Nesta perspectiva, com o objetivo de aproximar o leitor de cenários possíveis, foram descritos dois cenários, como exemplos ilustrativos de pesquisas na área da Informática na Educação. Além dos cenários, apresentam-se leituras recomendadas, com trabalhos, livros, dissertações e outros, que tratam, não só da temática central deste capítulo, como também de assuntos correlacionados, tais como a perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana. Em seguida, encontram-se os artigos exemplos, com relatos de uso da análise dialógica do discurso, assim como com concepções metodológicas e epistemológicas relacionadas com o tema. Por fim, e não menos importante, o capítulo apresenta exercícios, que servirão como instrumentos de aperfeiçoamento dos conceitos e do método trabalhados, e permitirão ao leitor maior afinidade com o objeto de estudo, e a biografia resumida de seus autores. Abaixo, encontra-se um mapa conceitual com os principais conceitos e relacionamentos trabalhados neste capítulo (Figura 1.4).

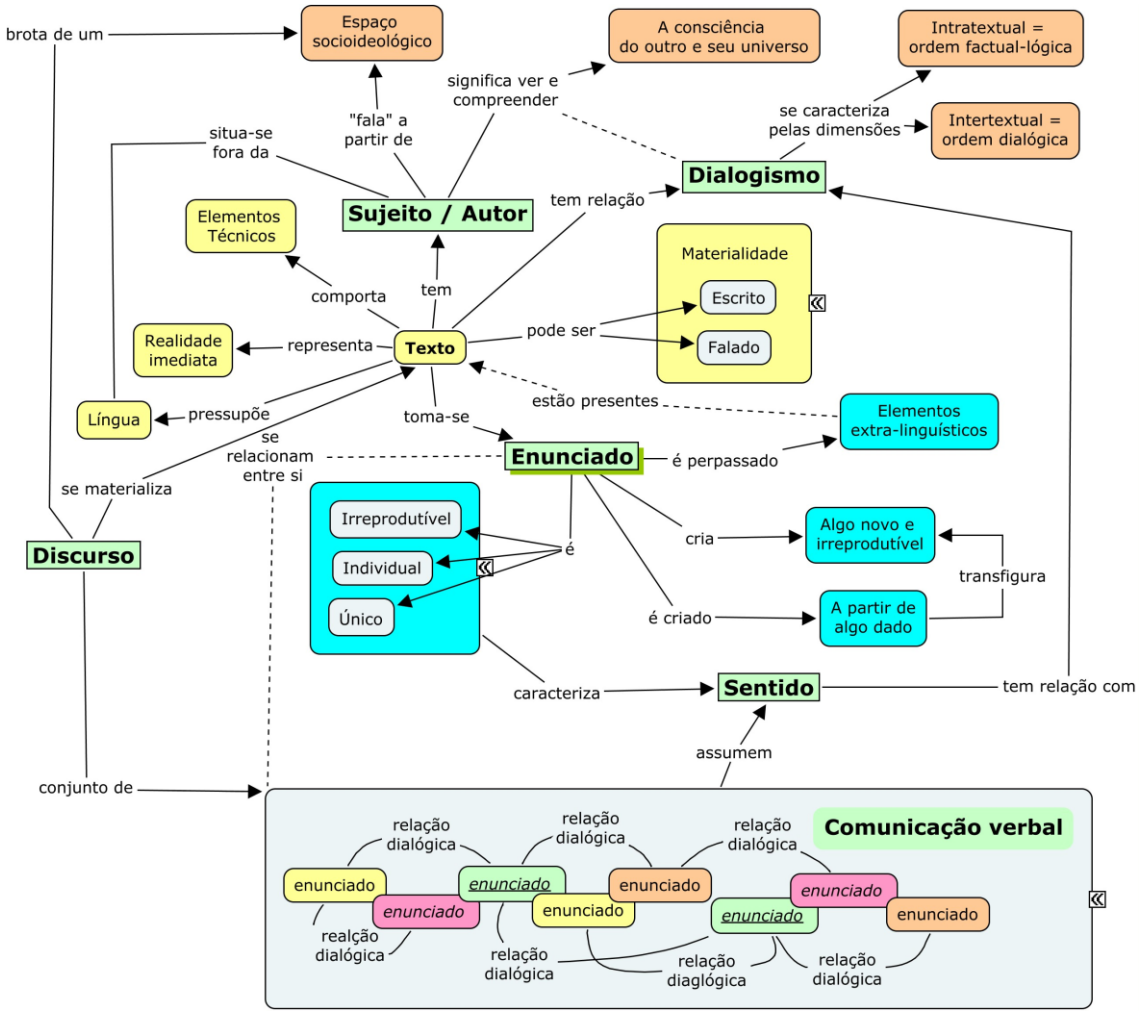

Figura 1.4: Mapa conceitual dos principais conceitos relacionados à ADD

Fonte: Dos Autores (2018)

5 Leituras Recomendadas

- **Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação** (AXT; AMADOR; REMIÃO, 2016)**.** Esse livro é uma coletânea produzida por um grupo interdisciplinar de pesquisadores do Laboratório de Estudos de Linguagem, Interação e cognição/criação (LELIC) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É uma obra relevante para os pesquisadores da área da informática na educação, pois reúne textos referentes ao uso das tecnologias, assim como estudos de linguagem, interação e cognição, em especial, estudos na perspectiva bakhtiniana. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147928/001000560.pdf?sequence=1>
- **Tecnologia e Educação: Algumas Considerações sobre o Discurso Pedagógico**

Contemporâneo (PEIXOTO; ARAÚJO, 2012). Esse artigo, embora use a análise de conteúdo como método de análise do corpus dos textos trabalhados, apresenta e analisa os fundamentos do discurso predominante sobre as relações entre as tecnologias e a educação, tomando por base um estado da arte realizado sobre os usos do computador na educação escolar, no período de 1997 a 2007 no Brasil. É interessante, pois traz o levantamento de autores/obras deste período e as perspectivas e reflexões sobre o uso dos computadores na educação.

- **Formação Continuada de Professores em Informática na Educação Especial: análise de dissertações e teses** (ORTH; MANGAN; SARMENTO, 2011). Esse estudo objetivou mapear trabalhos realizados no âmbito de dissertações e teses brasileiras que tematizavam sobre a formação continuada de professores em Informática na Educação Especial, no período de 1990 a 2009, tomando como base o Banco de Teses da CAPES.
- **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas Ciências Humanas** (AMORIM, 2004). Partindo de uma perspectiva enunciativa e polifônica, tal como propõe Mikhail Bakhtin, este livro oferece uma alternativa tanto às abordagens positivistas e objetivistas quanto ao relativismo e subjetivismo dos enfoques contemporâneos, sendo importante leitura para pesquisadores na área da informática na educação que desejam se aprofundar na concepção bakhtiniana de análise do discurso.
- **Bakhtin: conceitos-chave** (BRAIT, 2005) e **Bakhtin: outros conceitos-chave** (BRAIT, 2008)**.** Esses livros propõem um estudo de vários conceitos bakhtinianos, entre eles polifonia, ideologia, análise e teoria do discurso, diálogo, interdiscursividade e intertextualidade. Para professores, estudantes e pesquisadores de diversas áreas estes livros trazem importantes contribuições para a compreensão da arquitetura bakhtiniana.

6 Artigos exemplos

- **Os afetos como dispositivos interpretativos na cartografia da produção de subjetividade em ambiente virtual de aprendizagem** (SOUZA, 2014). Esse artigo descreve a cartografia da produção de subjetividade em ambiente virtual de aprendizagem e pode ser interessante para os pesquisadores que desejam se aprofundar em análise de enunciados. Os fundamentos da investigação encontram-se nos pressupostos teóricos de Gilles Deleuze, Felix Guattari e de Mikhail Bakhtin.
- **O Professor e as Novas Tecnologias na Perspectiva da Análise do Discurso: (Des) Encontros em Sala de Aula** (AZEVEDO; BERNARDINO JÚNIOR; DARÓZ, 2014)**.** Esse artigo analisa o discurso pedagógico sobre a docência de língua inglesa na era digital, utilizando as formulações teóricas da Análise do Discurso e considerando um sujeito sócio-histórico-ideológico. Partindo da consideração de que o discurso é heterogêneo, busca a compreensão da posição-sujeito professor de língua inglesa nesse cenário de constante transformação
- **A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis** (ROHLING, 2014)**.** Este artigo apresenta as concepções epistemológicas e

metodológicas da Análise Dialógica do Discurso e traz exemplo de pesquisa utilizando a ADD como metodologia de análise de dados.

- **A formação dos professores de classes especiais para o uso do computador: do discurso dito ao discurso vivido** (ALMEIDA, 2003)**.** Essa dissertação de mestrado teve o objetivo de compreender a percepção e a interpretação dos professores sobre a formação recebida para o uso do computador com alunos portadores de necessidades educacionais especiais e recorreram a uma pesquisa com abordagem qualitativa, utilizando a Análise de Discurso para o tratamento dos dados obtidos de entrevistas semiestruturadas.

7 Checklist

Considerando que a ADD é uma proposta de análise, uma via de investigação, uma maneira de interrogar e não um método de pesquisa ou modelo rígido de escrita (AMORIM, 2004) e análise e considerando a perspectiva dialógica da linguagem, sugerimos alguns parâmetros que podem orientar as análises dos enunciados. Estes parâmetros são identificados a seguir e sintetizados na Figura 1.5:

- Definir o conjunto de discursos produzidos (escritos/orais, ditos/não-ditos).
- Selecionar os enunciados que serão analisados (ditos e não-ditos). É importante ter um diário de campo (físico ou digital) para anotar as nuances dos diálogos, as impressões do pesquisador, o que o afetou naquele momento. Todos esses dados são fundamentais para a análise, visto que, na ADD o que importa não é o conteúdo em si, mas os sentidos produzidos no discurso.
- Compreender os papéis assumidos por cada interlocutor na interação dialógica.
- Analisar as relações entre os interlocutores durante a produção de discurso.
- Estudar o espaço-tempo em que foram produzidos os enunciados.
- Analisar o horizonte temático-valorativo dos enunciados.
- Correlacionar os discursos com o contexto histórico-social, a ideologia da época ou do(s) sujeito(s) e/ou grupo(s).

Lembramos que na perspectiva dialógica, a produção e a análise de dados podem se misturar durante toda a pesquisa.

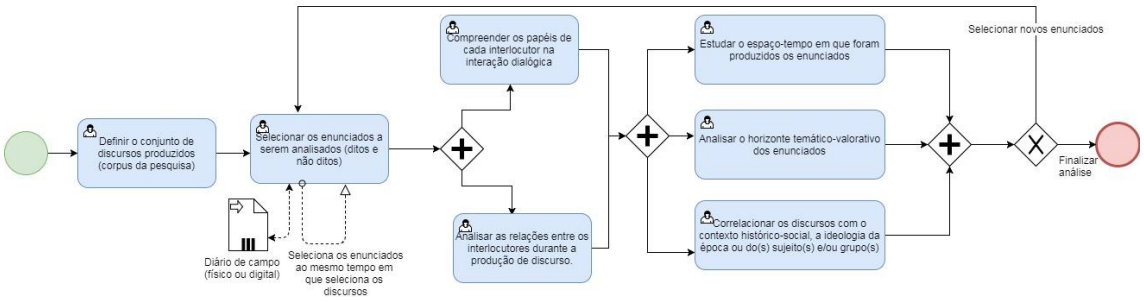

Figura 1.5. Fluxograma de atividades para a utilização da ADD como técnica de análise de dados

Fonte: Dos Autores (2018)

8 Referências

ALMEIDA, E. R de S. **A formação dos professores de classes especiais para o uso do computador: do discurso dito ao discurso vivido**. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife (Dissertação de Mestrado), 120p., 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/4787>. Acesso em: 21 nov. 2020.

AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: Musa Editora, 2004.

AXT, M., AMADOR, F. S., REMIÃO, J. A. A. (Orgs.). **Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação**. Porto Alegre: Panorama Crítico, 2016, 300 p. Disponível em:<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/147928/001000560.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 nov. 2020.

AZEVEDO, N. P. G. de, BERNARDINO JÚNIOR, F. M., DARÓZ, E. P. O professor e as novas tecnologias na perspectiva da análise do discurso: (des) encontros em sala de aula. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, pp. 15-27, jan./abr., 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-76322014000100002>. Acesso em: 21 nov. 2020.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martinz Fontes, 2000.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: Conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2008.

CAREGNATO, R. C., MUTTI, R. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de Conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; 15(4): 679-84. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2020.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso**: Reflexões Introdutórias. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

PEIXOTO, J., ARAÚJO, C. H. D.S. Tecnologia e Educação: Algumas Considerações sobre o Discurso Pedagógico Contemporâneo. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 253-268, jan.-mar. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v33n118/v33n118a16.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2020.

ORLANDI, E. P. A análise de discurso: algumas observações. In: **D.E.L.T.A.**, Vol. 2, nº 1, São Paulo: Educ, 1986.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso Princípios e Procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORTH, M. A., MANGAN, P. K. V., SARMENTO, D. F. Formação Continuada de Professores em Informática na Educação Especial: análise de dissertações e teses. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 17, n. 3, p. 497-516, Set-Dez, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382011000300010>. Acesso em: 21 nov. 2020.

RAMAL, A. C. **Educação na cibercultura**: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ROHLING, N. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 15(2), 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/7561>. Acesso em: 21 nov. 2020.

SAUSSURE, F. de. Curso de linguística geral. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. 24ª ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.

SOBRAL, A., GIACOMELLI, K. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. In: **Revista Domínios de Lingu@agem**, Uberlândia, Vol. 10, n. 3, p. 1076-1094, jul/set 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006/18770> . Acesso em: 21 nov. 2020.

SOUZA, E. P. **Tecnologias digitais na escola pública: formação continuada de professores com ênfase no exercício de autoria**. Dissertação (Mestrado em Educação), Porto Alegre, UFRGS, 2005.

SOUZA, E. P. de. **Os afetos como dispositivos interpretativos na cartografia da produção de subjetividade em ambiente virtual de aprendizagem**. In: MIRANDA, G. L., MONTEIRO, M. E., BRÁS, P. T. (Orgs.). Aprendizagem Online: Atas do III Congresso Internacional das TIC na Educação. Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa, Portugal, 2014, p. 807– 814. Disponível em: <http://ticeduca2014.ie.ulisboa.pt/downloads/AtasDigitais/Atas_Digitais_ticEDUCA2014.pdf>. Acesso em 25 nov. 2020.

SOUZA, E. P. de. **Construção de sentido e autoria na formação de professores para a utilização das tecnologias digitais na educação**. In: AXT, M.; AMADOR, FS.; REMIÃO, J. A. A. (Orgs.). Experimentações ético-estéticas em pesquisa na educação. Editora Panorama Crítico, Porto Alegre, 2016.

9 Exercícios

1.1. Este capítulo apresenta e discute a técnica de análise e interpretação de dados Análise Dialógica do Discurso. Com base no que foi lido, descreva três características da ADD e cite, pelo menos, duas diferenças entre ADD e Análise de Conteúdo – AC.

1.2. Observe a imagem abaixo e analise os sentidos produzidos nesse(s) enunciado(s), levando em consideração os parâmetros descritos no *checklist*.

Disponível em http://eduetecs.blogspot.com/2016/05/o-que-sao-blogs.html

1.3. Siga o roteiro abaixo e desenvolva uma análise dialógica do discurso:

(1) Faça uma visita à uma escola e solicite a sua participação como ouvinte em uma aula em que o professor irá usar pedagogicamente alguma tecnologia digital (computador, celular, tablete, ambiente virtual de aprendizagem etc.).

(2) Anote os diálogos surgidos na observação (ditos e não-ditos).

(3) Selecione, pelo menos, cinco enunciados para serem analisados.

(4) Siga o *checklist* proposto neste capítulo e faça a análise dos enunciados selecionados. Não se esqueça de descrever os papéis assumidos por cada interlocutor, analisar as relações entre os interlocutores (professor e alunos, por exemplo), o espaço-tempo em que os enunciados foram produzidos e também o horizonte de valores dos enunciados, além de correlaciona-los com o contexto histórico-social dos sujeitos envolvidos no(s) diálogo(s).

1.4. Relações dialógicas são as relações estabelecidas entre enunciados. Em sites de redes sociais, o processo enunciativo é, aparentemente, dinâmico e ininterrupto. Mas, você já observou com mais atenção as relações dialógicas estabelecidas em uma postagem qualquer? No seu perfil pessoal, por exemplo?

O desafio desta atividade é: extrair um enunciado, ou um grupo de enunciados, de seu perfil pessoal e elaborar um mapeamento semântico como o elaborado por Maria. Identifique em cada enunciado o termo de maior ocorrência e as expressões a ele relacionadas. Feito o mapeamento, que sentidos você observa que emergirem desta rede?

Sobre os autores

Elmara Pereira de Souza

http://lattes.cnpq.br/2723414790918205

Doutora em Difusão do Conhecimento (UFBA-2013) com estágio na *Universidad Nacional de Educación a Distancia* - UNED - Espanha. Mestre em Educação (UFRGS-2005) com ênfase em tecnologias na educação. Especialização em Informática na Educação (PUC-MG); Aplicações pedagógicas dos computadores (UCSAL); Ciência da Computação (UESB); Mídias na Educação (UESB); Gestão de Educação a distância (UNEB). Foi coordenadora e professora do Núcleo de Tecnologia Educacional de Vitória da Conquista - BA (2000-2015), professora da Faculdade de Tecnologia e Ciências (2006-2009) e coordenadora pedagógica do Plano de Capacitação Continuada da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB (2011-2015). Atualmente é vice-diretora e professora do Centro Juvenil de Ciência e Cultura de Vitória da Conquista - BA e atua na Especialização Mídias na Educação da UAB/UESB.

Claudia Pinto Pereira

http://lattes.cnpq.br/1798434167940865

Doutora em Difusão do Conhecimento (UFBA-2014). Mestre em Redes de Computadores, (Universidade do Salvador - 2006). Especialização em Aplicações Pedagógicas dos Computadores (UCSAL-1998). Foi coordenadora do curso Sistemas de Informação e professora da Universidade do Salvador, campus Feira de Santana (2004-2017) e professora das Faculdades de Tecnologia e Ciências (2002-2008) e Anísio Teixeira (2003-2019). Atualmente é professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Feira de Santana (desde 2000), no curso de Engenharia de Computação e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação, pesquisando principalmente sobre Tecnologias Assistivas, Interface Humano Computador, Informática na Educação e Tecnologias na Educação.

Rosângela Silveira Garcia

http://lattes.cnpq.br/9703728489958669

Doutora em Informática na Educação (UFRGS). Mestre em Linguística Aplicada (UNISINOS) Pós-Graduada em Gestão Escolar (Universidade Castelo Branco). Licenciada em Letras (ULBRA). Graduanda em Pedagogia (ULBRA). Co-fundadora da Educação Online e em Rede. Professora, Palestrante-Formadora, Pesquisadora do LELIC/UFRGS (Laboratório de estudos em linguagens, interação e cognição), autora de livros nas áreas de linguagem e tecnologia educacional. Seus principais tópicos de pesquisa são: Formação de Professores na Cultura Digital, Redes Sociais e Educação, Processos de Enunciação em rede.